

Recuo organizado

Rui Costa Pimenta e Leonardo Attuch reconheceram, na live semanal da última sexta (6/2), que Lula já está no “modo 2026”, e que provavelmente pode enfrentar uma direita fragmentada. Também reconheceram que apesar de ter chances de ganhar a eleição, a situação “está mais difícil do que em 2022”.

Contudo, apesar da tentativa da imprensa e dos institutos de pesquisa de excluir Jair Bolsonaro e seus familiares da disputa presidencial, o presidente do PCO também reconhece que Bolsonaro, de longe, seria o adversário mais difícil para Lula. E que, justamente por isso, o sistema está tentando retirá-lo do pleito.

Pimenta também desdenhou da previsão do governo de que tudo irá melhorar em breve, que descreveu como um otimismo excessivo, sobretudo quando se considera que as políticas econômicas do governo Lula são baseadas nas diretrizes neoliberais defendidas por órgãos como o FMI e o Banco Mundial. E, claro, como consequência dessa “guinada à direita” do governo, a esquerda perdeu o “símbolo nacionalista” e da soberania nacional.

Mas o ponto-chave da análise de Rui Costa Pimenta, e que tomou a maior parte do programa, foi a tese de que Trump, conscientemente, quer “acabar com o imperialismo” e está fazendo um “recuo organizado”. Para ele, o atual presidente americano percebeu que o sistema promovido pelo deep state e liberais americanos desde a Segunda Guerra Mundial está acabando com os Estados Unidos, piorando assim a vida da população e levando o país para o buraco.

Pimenta também disse que a USAID é um instrumento do wokeísmo internacional, que participou de vários golpes de Estado ao redor do mundo. Justamente por estar dismantando esse sistema e lutando contra o deep state, Pimenta acredita na possibilidade de que Trump não conclua seu mandato, mesmo que esteja lutando para resolver ou acabar com o insustentável sistema internacional que impera hoje em dia.

Já o propagandista russo Pepe Escobar afirmou que as medidas de Trump estão estabelecendo uma nova ordenação de caos no xadrez global, uma desordem internacional baseada em regra nenhuma - ou melhor, uma “desordem internacional baseada em tarifas”. Ao tentar promover a supremacia russa, Escobar disse que Trump, para evitar lidar com a derrota que os EUA, a Europa e a OTAN sofreram, simplesmente mudou de assunto, ignorou a guerra na Ucrânia e está taxando outros países pequenos, como o Canadá.

- Trump está em guerra contra o deep state?
- Não está na hora do Brasil também fazer um recuo organizado e elaborar o seu projeto de país?



Mas, na realidade, o que parece é que Trump apenas deixou de seguir a agenda do deep state americano para tentar ajudar os cidadãos que o elegeram. E, mais interessante do que isso, o que Escobar e Pimenta não perceberam (ou não quiseram comentar, por pura omissão) é o quão bom seria se o Brasil fizesse o mesmo que os Estados Unidos estão fazendo, e começasse a colocar a soberania e os interesses nacionais acima da agenda woke promovida pelas ONGs internacionais e pelas organizações transnacionais.

Um destaque do noticiário da semana foi o novo capítulo da Margem Equatorial: a Petrobras divulgou novamente que cumpriu todos os requisitos do IBAMA. Mas, ao que tudo indica, o governo, sob a batuta da ministra do subdesenvolvimento Marina Silva, irá ignorar o fato mais uma vez para conservar a boa imagem diante da COP 30.

Como notou o professor Lorenzo Carrasco em artigo publicado na semana que passou, "(...) o rigor dos técnicos do Ibama chega ao ponto de exigir o detalhamento de plantões noturnos de veterinários e a disponibilidade de helicópteros para o socorro aos animais. Detalhes pífios que estão sendo manipulados para justificar o embargo de investimentos bilionários e seus benefícios para o Amapá, um dos estados mais pobres da União - e ironicamente, o campeão de preservação ambiental, com 77% do seu território coberto por florestas nativas (...) A Petrobras tem um currículo impecável de operações no mar desde a década de 1970, tendo perfurado mais de 6 mil poços em alto-mar, sendo mais de mil de produção, sem uma única ocorrência de vazamento sério. Desde 1986, também explora petróleo e gás natural em Coari (AM), no sítio de Urucu, área rodeada de floresta e muito mais sensível em termos ambientais do que o litoral do Amapá, igualmente sem qualquer acidente".

Ao contrário do que muitos pensam, o Brasil tem gente com capacidade técnica para pensar soluções nacionais para os nossos problemas, não precisamos cumprir uma agenda imposta pela ONU e elaborada por tecnocratas em uma sala com ar-condicionado do outro lado do mundo.

Como os Estados Unidos estão fazendo agora, talvez já tenha passado da hora de o Brasil também fazer seu "recuo organizado" e buscar resolver seus problemas internos com soluções internas, com um projeto apontando para o país que queremos realmente ser.

